

O MESTRE DE PETERSBURGO: O CRIME, A ROUPA E A ESCRITA

Rosiane Viana SILVA¹

Universidade Federal de São João del Rei
agathavianna@yahoo.com.br

Resumo:

O objetivo desse trabalho é tecer considerações acerca da narrativa J. M. Coetzee, *O Mestre de Petersburgo* que, ficcionalmente, relata o assassinato do enteado do romancista russo Fiódor M. Dostoiévski, seguido pelo encontro conflitante com o líder anarquista Serguei Nietcháiev. Nos rastros desse crime mal explicado, encontramos Dostoiévski desempenhando um papel de detetive ao refletir sobre os pontos inconclusos do suposto suicídio ou assassinato de Pável Isaev. De acordo com o pensamento de Stalybrass, intentamos analisar a humanização da roupa do jovem falecido, o terno branco, que desperta no escritor a materialização de seu luto. Por fim, como desfecho da obra supracitada, buscamos compreender a teorização feita por Coetzee acerca do processo de escrita, em que o mesmo, ao demonstrar a tentativa de fusão entre Pável e Dostoiévski, descreve que escrever é um ato de possessão.

Palavras-chave: Crime; roupa; escrita; Dostoiévski; Pável.

1.0 INTRODUÇÃO

Autor de grandes obras, como *Crime e Castigo*, *O Idiota* e *Irmãos Karamavoz*, Fiódor Mikhailovich Dostoiévski é reinserido no universo da escrita de uma forma inovadora: saindo da posição de escritor para tornar-se personagem principal da trama do sul africano John Maxwell Coetzee, *O Mestre de Petersburgo*.

O romance se passa na São Petersburgo de 1869, momento em que a Rússia enfrentou fortes reações anarquistas contra o regime czarista que, principalmente, por causa das prolongadas e dispendiosas guerras, desencadeava surtos de fome e pobreza à população. Nesse ambiente, Coetzee faz Dostoiévski, que passou parte da década de 1860 na Alemanha e Suíça por causa dos muitos credores, retornar à sua terra natal para um encontro ficcional com o niilista² revolucionário, Serguei Nietcháiev, ocorrida através da morte do jovem Pável Isaev.

Para VOLPI (1999, p. 9) *é opinião comum que Dostoiévski e Nietzsche são os dois fundadores e os principais teóricos do niilismo. Ao primeiro se liga o niilismo de caráter literário; ao outro a do perfil propriamente filosófico.* Talvez pelo caráter avesso ao respeito às autoridades e dogmas impostos, de alguma forma, os ideais de Nietcháiev e Dostoiévski encontram-se. No entanto, é importante salientar que, de acordo com Joseph Frank³, biógrafo

¹ Mestranda do programa de pós-graduação em Letras – Teoria Literária e Crítica da Cultura.

² VOLPI, ao arrazoar sobre a definição do termo Niilismo, cita trecho do livro *Pais e Filho*, de Turgueniev. *Niilismo – disse Nicolau Petrovitch – vem do latim, nihil, e significa “nada”, segundo eu sei. Quer dizer que essa palavra se refere ao homem que... em nada crê ou nada reconhece?*

- *Pode dizer: o homem que nada respeita – explicou Pavel Petrovitch (...)- Aquele que tudo examina do ponto de vista crítico – sugeriu Arcádio.*

- *Não é a mesma coisa? – Perguntou Pavel Petrovitch.*

- *Não, não é o mesmo. O niilista é o homem que não se curva perante nenhuma autoridade e que não admite como artigo de fé nenhum princípio, por maior respeito que mereça.* (TURGUENIEV apud VOLPI, 1999, p. 13)

³ Joseph Frank é autor de *Dostoiévski: as sementes da revolta. 1821-1849; Dostoiévski: os anos de provação. 1850 – 1859; Dostoiévski: os efeitos da libertação. 1860-1865.*

de Dostoiévski, o escritor russo, de forma pragmática, ataca o niilismo em sua obra *Os demônios* (1872). O romance inicia-se a partir de um episódio verídico, o assassinato do estudante I. I Ivanov pelo grupo niilista liderado por S. G Nietcháiev em 1869.

Atrelando dados biográficos e ficcionais, Coetzee apresenta-nos um Dostoiévski que surge, dessa maneira, aos 48 anos, como o personagem-narrador de o *Mestre de Petersburgo*, para compreender o suposto suicídio de seu enteado. A morte mal explicada gera-lhe inconclusas opiniões, sendo atormentado pela possibilidade de um assassinato efetuado pela polícia russa ou, até mesmo, pelo próprio Serguei Nietcháiev, de quem Pável era admirador e seguidor, com a pretensão de atrair o renomado escritor para persuadi-lo a manifestar-se contra a opressão política que arrastava a Rússia à miséria.

Durante a sua estadia em São Petersburgo, Dostoiévski decide hospedar-se no mesmo quarto de pensão que outrora abrigou Pável. O seu luto é atribulado pela sua tentativa de reviver os últimos momentos de seu enteado, tentando apossar-se do que restou de sua vida: seus objetos pessoais, sua roupa (o terno branco), alguns escritos e, por último, a dona da pensão, Anna Serguêievna, e sua filha, Matryona, de 14 anos, que compartilharam o fim da vida de Pável.

2.0 O CRIME

E quando chegar o dia do julgamento, o povo não esquecerá quem sofreu e morreu por ele, e quem não ergueu um dedo! (COETZEE, 2003, p. 104)

Uma morte que necessita ser revisitada, uma vez que não foi presenciada. Essa é a aflição que permeia a mente de Dostoiévski. Durante todo o romance, o narrador faz o leitor participante dos seus questionamentos e pesares. Pável já se encontrara enterrado quando o escritor retorna, com a notícia de seu suicídio, a São Petersburgo, de onde saíra afugentado pelas onerosas dívidas.

A princípio, para não levantar suspeitas, Fiódor Dostoiévski apresenta-se como Isaev, identidade do pai biológico de Pável. No entanto, os principais interessados na morte de seu enteado, a polícia russa e Serguei Nietcháiev, logo descobrem que, o homem que se declarou pai do jovem falecido era, na verdade, Dostoiévski.

Com o objetivo de recuperar os papéis de filho, Dostoiévski tem uma pequena entrevista com o investigador encarregado do caso Pável, Maximov, que o confronta acerca de uma lista de nomes russos encontradas nos pertencentes do jovem falecido, de pessoas que deverão ser assassinadas pela Vingança do Povo⁴. É a partir desse momento que o escritor percebe que a morte de Pável possui muitos pontos ainda obscuros. A sua ligação com Nietcháiev é um fato que gerará dúvidas sobre a real causa da morte: terá sido mesmo um suicídio? Não teria a polícia, como forma de eliminação de ameaça, empurrado Pável do prédio? Ou, quiçá, o próprio grupo a que pertencia, por algum receio ou motivação maior não projetou o assassinato? As respostas ficam no ar.

A morte por uma causa maior, o sacrifício de um pelo benefício de muitos, é essa posição que Nietcháiev defende. É oportuno observar que Dostoiévski não pode ser insensível à causa, uma vez que tem no cerne de seu passado, como Nietcháiev mesmo argumenta, atitudes “revolucionárias”, pois, em sua juventude participava de grupos clandestinos de socialistas utópicos que rebelavam, em discursos ufanistas, contra o Tsar.

Coetzee, a partir desse encontro, traz à cena discussões político-filosóficas de cunho cristão. Insere, no diálogo entre esses dois personagens, citações bíblicas, pautando-se no

⁴ Organização revolucionária liderada por Serguei Gennadevich Nietchaiév.

questionamento da traição, castigo, julgamento e a relação entre Judas e Cristo. Seria Nietcháiev o Cristo por salvar a Rússia e Dostoiévski o Judas por se opor aos seus planos?

Ao ser pressionado por Nietcháiev para que se posicione diante do crime e da causa, Dostoiévski, redige

Na noite de 12 de outubro, no ano de Nosso Senhor de 1869, meu enteado Pável Alexandrovitch Isaev despencou para a morte da torre arruinada no cais Stolyarni. Circulou o boato de que sua morte foi provocada pela Terceira Seção da polícia imperial. Esse rumor é uma invenção, uma falsidade. Acredito que meu enteado foi assassinado por seu falso amigo Serguei Gennadevitch Nietcháiev.

Que Deus tenha piedade de sua alma.

F. M. Dostoiévski

18 de novembro de 1869. (COETZEE, 2003, p. 197)

No calor das emoções, embora sem alguma prova concreta, Dostoiévski acusa o niilista de assassinato.

Em determinados momentos, o escritor faz mediação entre a alta e baixa cultura, embora, no encontro supracitado com o líder revolucionário, não se mostre favorável a participar do anarquismo que objetiva defender os interesses das pessoas simples.

Como um detetive, contudo, Dostoiévski procura compreender a mente de Nietcháiev, chegando a declarar para o investigador que *o nietchaievismo não é uma ideia. Ele despreza as ideias, está além das ideias. É um espírito, e o próprio Nietcháiev não é sua personificação, mas seu abrigo; ou melhor, está possuído por ele.* (COETZEE, 2003, p. 46-47). O espírito de Baal, como o narrador nomeia para Maximov, traz a questão da possessão, temática bem recorrente nas obras de Dostoiévski.

Ao entendermos que a sociedade é decifrada por meio dos crimes, que *el crimen es el espejo da sociedad, esto es, la sociedad es vista desde el crimen* (PIGLIA, 2005, p. 96), podemos apreender que o livro não nos oferece uma resposta acerca da morte de Pável que, apesar do caso policial ser encerrado e protocolado como suicídio, nas doentias reflexões de Dostoiévski, o crime constitui-se incerto em suas causas e consequências. Dúvidas que retratam uma realidade maior, uma vez que é exatamente dessa maneira que se encontra a sociedade Russa da época: sem respostas às suas necessidades e questionamentos. A Rússia é, portanto, louca. A loucura declarada de Dostoiévski é, antes de qualquer coisa, a loucura de todo um país.

Entretanto, como bem caracterizou o narrador, o crime pode ser considerado sob o viés da possessão. Por causa do espírito niilista, um crime fora cometido. A morte do jovem Pável nada mais é que um enigma central de uma cadeia de enigmas, a começar do microcosmo do próprio personagem-narrador. Quem é o renomado escritor Dostoiévski, afinal? Embora detentor de alguma fama no universo da escrita, um homem viciado em jogos, decadente por acumular dívidas e vários casos extraconjugais.

PIGLIA (2005, p. 80) assegura que *porque es libre y no está determinado, porque está solo y excluido, el detetive puede ver la perturbación social, detectar el mal y lanzarse a actuar.* É nesse jogo de atuação que Dostoiévski encaixa-se. Mais do que a perturbação social, o narrador encontra a sua perturbação ao concluir, principalmente pelos relatos e pelo diário de seu filho, que não era exatamente um exemplo de pai. O mal, antes de estar na sociedade e em seu sistema policial e político como um todo, encontra-se em cada indivíduo, a começar por ele mesmo. A turbulenta e complexa realidade do homem inserido na Rússia do final do século XIX proporciona o desnudamento de falhas de um caráter por excelência contraditório.

Fale com Matryosha. Faça as pazes com ela antes de ir embora. Ela e seu filho eram muito chegados. Se ele deixou para trás uma marca, está nela. (COETZEE, 2003, p. 139). Através de fragmentos, Dostoiévski busca resgatar seu filho. Esse detetive requer todo o cuidado, já que passará a tentar possuir o que ainda resta de Pável. É a pequena garota, no entanto, que guarda os últimos resquícios de seu filho.

O crime, desse modo, inversamente, possibilita ao pai imitar o filho, de tal forma que, sua intenção será possuí-lo, viver o que restaria de sua vida.

2.0 A ROUPA

Coloca a mala na cama. Por cima, cuidadosamente dobrado, está um terno de algodão branco. Ele encosta a cabeça no tecido. Lentamente, chega-lhe o cheiro de seu filho. Ele inspira fundo, várias vezes e pensa: seu espírito está entrando em mim. (COETZEE, 2003, p. 9)

A cena, acima, demonstra o cuidado que Dostoiévski mantém com a roupa de Pável. Resquício de uma vida há pouco suprimida. A presença de seu filho se resume ao seu terno, cuidadosamente dobrado. Restam as marcas de uma presença, sobretudo, o seu cheiro ainda encontra-se ali.

Stallybrass, em *O casaco de Marx*, discute a importância do papel das roupas como bem simbólico, bem de valor que, em vários momentos, assume o caráter de mercadoria e de moeda. As roupas, segundo ele, fazem parte das relações sociais, trazendo a respeitabilidade ao sujeito. Na sociedade das roupas, trajar-se adequadamente é requisito básico, uma vez que a indumentária diz muito a respeito de quem a veste. Assim, é através do sentimento de fetiche que, um mero objeto de uso, como uma veste, adquire maior estima e prestígio.

(...) amar coisas é, para nós, algo constrangedor: as coisas são, afinal, meras coisas e acumular coisas não significa dar-lhes vida. É porque as coisas não são fetichizadas que elas continuam sem vida (STALLYBRAS, 2009, p. 20). Entender a fetichização das roupas conceituada pelo teórico não é uma tarefa tão difícil se considerarmos, na relação que adquire o escritor russo com o terno branco, o luto sofrido como fator de perda que ocasiona uma necessidade de substituição ou preenchimento.

Na durabilidade da roupa, que resiste à morte de seu dono, deparamo-nos, na linha do pensamento de Peter Stallybrass, com a humanização do terno branco de Pável, que transmite a ativação do sentido, sendo o cheiro um artifício memorialístico, adquirindo a roupa do mesmo, portanto, o caráter de moeda e valor. Desse modo, STALLYBRASS (2009, p. 14) defende, ainda, que *os corpos vêm e vão: as roupas que receberam esses corpos sobrevivem.* É indiscutível, portanto, principalmente perante o luto, não admitirmos que o significado deste traje ganhe muito mais notoriedade e importância.

O terno do filho morto, de coloração branca, tom oposto à negritude do luto, caracteriza-se na lembrança materializada de um corpo inexistente, outrora tão vivaz. O vestuário apresenta, dessa maneira, um deslocamento de função. Não é mais sua primeira utilização a de vestir um indivíduo, dando-lhe compostura e proteção, mas, ao deter o espírito do filho morto, uma vez que o vestiu inúmeras vezes, o terno branco deixa de ter valor útil para exprimir valor sentimental.

O terceiro capítulo de *O mestre de Petersburgo*, Coetzee denomina-o de *O terno branco*. Nesse momento do romance, o terno torna-se o elo entre o pai da desgraça, como o reconhecem as crianças das imediações, com a pequena Matryona.

Choroso e, constantemente com o terno em seu colo e em suas mãos, como se aspirasse que aquele objeto foi intrínseco ao seu ser, a garota surpreende-o em seu momento íntimo de dor, perturbando-o com a sua aparência jovial. A roupa do rapaz que, de alguma maneira, acalentava sua falta, é colocada em segundo plano em detrimento do erotismo da

camisola branca da menina. Agora, os seus mais recônditos desejos são aguçados. Não mais consegue esconder a paixão carnal que o consome. *Ergue os olhos para ela. Nada é velado. Olha-a fixamente com o que só pode ser nudez* (COETZEE, 2003, p. 27).

Assim, apresentando uma personalidade desordenada, Dostoiévski busca se “travestir” (conceito de Stallybrass que se caracteriza na transferência de identidade) de Pável por meio de sua roupa e dos seus registros, tentando apreender até mesmo a peculiar escrita de seu enteado, inserida em sua memória e ativada por meio de sua dor.

Porque eu sou ele. Porque ele é eu (COETZEE, 2003, P. 55), é assim que, a partir do luto, Dostoiévski pretende dar continuidade a vida de seu enteado através de sua vida, ou seja, deseja que o espírito do jovem o possua para que ele o dê vida a partir da sua, ou vice e versa.

Esse processo de “demonização” ou “possessão” faz com que no último capítulo, o famoso escritor russo se entregue totalmente ao sabor e desespero da vida literária ao tentar continuar sua trajetória por meio dos resquícios de vida do morto.

3.0 A ESCRITA

“Você é um artista, um mestre”, ela diz. “Cabe a você, e não a mim, trazê-lo de volta”. (COETZEE, 2003, p. 138)

Nos rastros do possível homicídio em prol de abafar a “desordem” da Rússia do século XIX, a literatura deixa de ser apenas o suporte do enredo para transformar-se no fim de toda a trama com a confissão de Nietcháiev de que o objetivo do crime era atrair o famoso escritor e, conseqüentemente, a sua escrita, para a causa por ele desencadeada.

O alvo de Nietcháiev é adquirir a escrita de Dostoiévski. O desígnio de Dostoiévski, quando da morte de seu enteado, é também adquirir seus papéis, para, como momento de epifania, possuir sua escrita.

Ricardo PIGLIA (2005, p.19) ao descrever uma foto em que Borges *intenta decifrar las letras de um libro que tiene pegado a la cara*, considera e tenta responder a grande pergunta da literatura sobre o que é um leitor, mostrando que o bom leitor é, na verdade, o mau leitor. A metáfora que Piglia utiliza é a da cegueira do próprio Borges. Assim, a leitura míope ou distorcida é talvez a melhor e mais adequada leitura, uma vez que nem sempre quem tem a melhor vista lê melhor. Essa leitura da desordem, como sugere Piglia citando Kafka, é talvez o que tenta demonstrar Dostoiévski ao encarregado da polícia, Maximov, ao dizer que ele não sabe ler de maneira apropriada os contos de Pável.

Para Dostoiévski, a escrita só tem valor quando lida e apreendida de maneira aproveitável, por isso, conclui que os papéis de Pável poderiam ser escritos em outro idioma que de nada serviria à polícia, uma vez que o encarregado só decodificava os códigos linguísticos, mas não sabia ler. Repreende Dostoiévski ao policial: *ler é ser o braço, ser o machado e ser o crânio; ler é entregar-se, e não manter-se à distância, zombando* (COETZEE, 2003, p. 50). Dessa forma, para ler de perto, sem distância, é bom que se seja “míope”, com uma visão microscópica, como declara PIGLIA (2005, p. 20) *Primera cuestión: la lectura es un arte de la microscopia, de la perspectiva y del espacio (no solo los pintores se ocupan de esas cosas). Segunda cuestión: la lectura es un asunto de óptica, de luz, una dimensión de la física.*

Em obstinação à sua declaração de leitura, Dostoiévski vê-se com dificuldades de ler os papéis de Pável, não conseguindo concentrar-se no texto como um todo, mas tentando compreender a escolha de cada palavra, dispersando-se em seus significados. A grafia de seu enteado, as histórias por ele escritas, agora pertencentes a Dostoiévski, despertam no experiente escritor o desejo de escrever “por cima do escrito”, melhorar a história de seu enteado, retirando o sentimentalismo juvenil. Sucumbido pela curiosidade, ainda que

advertido por Anna Serguêievna a não ler os papéis para evitar possíveis mágoas, Dostoiévski inicia a leitura do diário, descobrindo, ali, registros de uma dolorosa relação de pai e filho. Surpreso com o desprezo de seu filho, por sua postura enquanto pai, Dostoiévski revela que para ser escritor ele sempre necessitou pagar um preço.

Dostoiévski confessa que, para escrever, necessita corromper-se. A escrita é algo demoníaco que o possui, mas, para ser possuído, o escritor, primeiro, necessita vender a sua alma. Entregar-se por inteiro. O que fica subentendido, afinal, é que ao escrever, Dostoiévski vende sua alma ao demônio. Como ele mesmo afirma, como um Judas, vende a sua alma e as de quem o rodeia. A história é feita, portanto, de sacrifícios de vida e de relações. A relação da escrita com a compra e a venda de vidas mescla artifícios que Coetzee utilizou em seu romance: ficção e a realidade.

Cedendo aos seus ímpetos mais obscuros, valendo-se da traição e da perversão, Dostoiévski tenta prosseguir a escrever. O escritor enxerga na escrita um fio que alinhará toda a sua loucura epiléptica com a loucura política de Nietcháiev e Pável, e de toda a Rússia. *Escrevo perversões da verdade. Escolho o caminho tortuoso e levo crianças para lugares escuros. Sigo a dança da pena.* (COETZZE, 2003, p. 229). É o espírito da escrita que se apodera do escritor. Espírito este, nada ingênuo, mas demoníaco.

O ato de escrever, contudo, ocasionará o encontro de Dostoiévski com Pável. Inserido no mundo de seu filho, buscando ser incorporado pelo seu espírito e resgatar sua juventude, Dostoiévski funde-se com o Pável de suas lembranças. Escrevendo, Dostoiévski, antes de encontrar seu filho, encontra-se.

Em seu texto, está no mesmo quarto, sentado à mesa do mesmo modo como está agora. Mas o quarto é de Pável, e somente dele. E ele não é mais ele mesmo, nem um homem no quadragésimo nono ano de sua vida. Pelo contrário, é novamente jovem, tem toda a força arrogante da juventude. Veste um terno branco perfeitamente cortado. De certa forma, também é Pável Isaev, embora Pável Isaev não seja o nome que dará a si mesmo (COETZZE, 2003, p. 234).

Com o sentimento de triunfo, resgatado com o fulgor da escrita que lhe trouxe a superação do luto, Dostoiévski chega a concluir que a morte de Pável foi uma providência adequada, pois, só assim, ele sentia-se vitorioso na guerra dos velhos contra os jovens, possuindo a vida de seu filho.

5.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Utilizando o próprio Dostoiévski como elemento imprescindível da sua narrativa, não opondo os fatos e a ficção, mas mediando os dois elementos, costurando-os, Coetzee suplementa a sua escrita. O novo se dá com uma nova maneira de escrever o recorrente.

O mestre de Petersburgo traz temas que Dostoiévski centralizou em seus romances, como a corrupção dos inocentes, o ímpeto descontrolado da juventude, a culpa, o sofrimento e a possessão. Possivelmente fazendo alusão ao livro de Turgueniev, *Pais e Filhos*, o autor sul africano sugere, como desfecho de seu romance, que a verdadeira relação entre Dostoiévski e Pável não é de amor paternal, mas de ódio e concorrência.

Na dupla face, ora como anjo, ora como demônio; indo do sentimento de tristeza à sedução e o erotismo; sendo enfeitado pelo terno e a camisola branca, Dostoiévski é caracterizado como um escritor titubeante em seus fetiches.

Com todo o postulado, apreende-se que, da mesma forma como Piglia pretende “entrar na pele” de Borges no que diz respeito ao ato de escrever, Coetzee faz com Dostoiévski, e o

Dostoiévski de *O Mestre de Petersburgo* faz com Pável Isaev, sendo a escrita, por conseguinte, a grande temática da obra. A possessão é, então, encenada na narrativa.

6.0 BIBLIOGRAFIA

COETZEE, J. M. *O mestre de Petersburgo*. Trad: Luiz Roberto Mendes Gonçalves. – 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

INSTITUTO HUMANAS UNISINOS - IHU. **A confluência da literatura com a filosofia - Entrevista com Joseph Frank.** Disponível em <http://amaivos.uol.com.br/amaivos09/noticia/noticia.asp?cod_noticia=7537&cod_canal=41> . Acessado em 30/10/2011.

PIGLIA, Ricardo. *Lectores imaginarios*. In: *El último lector*. Barcelona: Anagrama, 2005. p. 77-102.

STALLYBRAS, Peter. *O casaco de Marx*. Roupas, memória, dor. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

VOLPI, Franco: *O Nihilismo*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.